

## O Grito das Ruas, não ouvindo o campo

Luiz Carlos Corrêa Carvalho  
[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)

***“Sou reacionário. Minha reação  
é contra tudo que não presta”***

Nelson Rodrigues

A tese de que há uma enorme distância entre o que fazem os Poderes da República e os desejos da população brasileira está confirmada. Com total surpresa, os poderes constituídos assistiram, atordoados, as manifestações públicas em andamento no Brasil. O máximo que se conhecia, da dominação política das últimas 3 eleições majoritárias, eram as convocações profissionais das Centrais Sindicais, sempre com um suporte político-partidário ou, eventualmente, empresarial. Cinismos a parte, ou desvios colocados de lado, a 1ª eleição do Sr Lula à Presidência, com sucesso, ocorreu com uma “carta à sociedade” onde estabelecia os parâmetros de governabilidade que foram seguidos e que lhe deram enorme popularidade. O 2º governo Lula, no entanto, deu início a um processo de governo em linha populista, que piorou os índices econômicos e, atuando na busca de mais popularidade, elegeu um total desconhecido como Presidente da República, nunca antes tendo exercido função eletiva. À herança recebida, pesada, seguiu-se ações de “nova matriz econômica” que se caracterizou, em 2 anos, como um enorme fracasso e que despertou os brasileiros na linha da reação.

Sem CUT, Frente, Igreja, ou o que se via antes, o mecanismo velocíssimo das redes sociais criou um movimento impressionante, que vem abalando os alicerces de um modelo deteriorado. O grito das ruas, em cidades no Nordeste, Sul ou Sudeste, pequenas ou grandes, realizado de forma cidadã, teve, também, seus momentos de ações de vândalos, oportunistas. O poder político está abalado e a popularidade do Executivo cai sistematicamente, de forma dramática.

O cidadão urbano compreendeu, avalizou e entendeu esses movimentos como democráticos e acertados. As defesas de uma saúde melhor, de uma educação valorizada, de ações contra a corrupção no meio político e em favor de mobilidade urbana razoável, são indiscutíveis argumentos que mais ainda movimentarão as ruas.

A reação do Poder Executivo, na pessoa da sua Presidente, é elogiar a democracia e propor saídas não objetivas e que dependem do Legislativo. Este, por sua vez, faz o papel contrário e se sente acuado pelo Executivo. Seja qual for o jogo de forças entre os poderes, o pano de fundo é a manutenção do poder e formas de aliviar as pressões das ruas, com segurança jurídica. Entra então o 3º poder, com um olhar constitucionalista e crítico sobre os outros poderes. A falta de liderança política é apavorante.

O que é o grito urbano? Pede-se mais Estado ou melhor Estado? Pede-se mais eficiência, com certeza; melhores serviços, certamente! Mesmo que o Sr Lula (segundo a Folha de São Paulo) diga que é a “direita” que está borrando a imagem do Brasil no exterior e esborrachando a de Dilma internamente, seria um desatino ou um desespero taxar de “direita” a garotada, a classe média, os internautas ..... O grito urbano não é, provavelmente, dos que vivem melhor com benesses de governo mas dos que lutam por melhores serviços do Estado, com a enorme arrecadação de impostos que pressiona os bolsos dos brasileiros há anos.

Mecanismo fundamental desse extraordinário movimento urbano, é a tecnologia, rompendo as barreiras da comunicação, os controles do “Estado”, os limites familiares e as antigas reuniões ideológicas. As pessoas que vivem no meio rural também acompanham isso, mas uma minoria deve ter participado disso, exceção aos que labutam no meio rural mas vivem nas cidades. Mas isso não significa que estejam satisfeitas, ao contrário.

O grito das ruas reclama muito bem e está sendo ouvido. Talvez os urbanos não saibam claramente que os alimentos, vestes e etanol, entre outros, assim como a balança comercial brasileira, que só é positiva pelo agronegócio, são a base da qualidade de vida do Brasil e do cidadão urbano. Talvez, por isso, sua solidariedade contra as atrocidades do governo para com o agronegócio não estejam estampadas nos inúmeros cartazes apresentados. Talvez seja porque este setor não esteja irrigando esses vasos urbanos, cujas raízes rurais são o DNA deste Brasil continental. Talvez porque, de fato a distância desse governo atual para com o agronegócio venha provocando a indiferença..... como saber?

O grito do campo tem, diretamente tom mais baixo, pois menos votos faz. No entanto, sua real valorização calculada, em torno de suas cadeias produtivas, responde por imenso número de votos. Desde a produção de insumos modernos e bens de capital para o setor agroindustrial, passando pela produção agrícola, industrial e comercialização em atacado, varejo e exportações, o agronegócio é ¼ do PIB do Brasil! Seus produtos tem um enorme valor em tecnologia colocada em cada grão, ou na fibra ou no açúcar e no etanol.

A aposta do Governo Dilma, em redução da taxa de juros e desvalorização da taxa de câmbio, além de isenções fiscais buscando estimular consumo, acabaram gerando má coordenação de políticas econômicas e uma estratégia confusa. O resultado foi o endividamento da classe média, inflação crescente e uma desagradável sensação de autoritarismo e descasamento entre os Poderes da República.

Essa falta de planejamento e de horizonte faz recuar investimentos e tira o Brasil de sua recente posição de “queridinho” do capital externo. Nesse planejamento, o agronegócio teria especial atenção.

O Governo tem vários Ministérios relacionados ao agronegócio, que não cuidam dele, da logística, travaram o desenvolvimento do etanol e, agora, acena para melhorias em logística e infraestrutura. O produtor, no agronegócio, fica esperando Godot.....Obra do Premio Nobel Becket, Godot era uma enorme expectativa de soluções, mas nunca chegava.....

É difícil a posição do governo, pois são limitadas as suas alternativas para o curto prazo. A aposta de “nova matriz econômica” pelo governo atual de alguma forma, mostra como o poder inspira a vaidade, que alimenta a soberba e “cria” seres superiores que passam a se ver como a solução do país.

O exemplo da “nova política do etanol” é uma prova disso. O Prof. José Alexandre Scheinkman, da Universidade Princeton, EUA, entrevistado pelo Valor Econômico (02/05/13), sobre esse tema, respondeu o seguinte: *“É incompreensível. O Brasil era pioneiro, num dos campos mais promissores no mundo que é o da energia alternativa, com o etanol. E então o governo começou uma política incompreensível de subsidiar a gasolina, de forçar a Petrobrás a subsidiar a gasolina. O governo também subsidiou, ao reduzir a CIDE dos combustíveis. Se você quisesse aumentar a poluição e ao mesmo tempo destruir uma tecnologia nacional, seguiria exatamente essa política”.*

Quando redijo essas linhas, pensando que da desordem surge alguma organização, vejo as Centrais Sindicais fazendo passeatas, segurando o país e de novo, com mensagens de popa (entre elas reforma agrária). Quem sabe é a visita da “saúde”, e o novo virá com força. Com a força do país, que seguirá em frente com a energia que vem do agronegócio...

Quem sabe cartazes falando disso, possam surgir nos movimentos pró-País que as redes sociais fazem emergir. Quem sabe com o gostinho do café, adoçado pelo açúcar da cana, com um pãozinho, mesmo que “francês”.....